

DESEMPREGO RECORDE

Igor Germano
Da equipe do **Correio**

Muitas pessoas costumam bater três vezes na madeira quando ouvem falar nele. O fantasma do desemprego já faz parte do cotidiano de 151,1 mil moradores do Distrito Federal. A disputa por postos de trabalho parece mais acirrada do que nunca na capital do país. O antigo eldorado de empregos se transformou em um campo de batalha, onde os currículos servem como armas e têm um peso cada vez maior.

A taxa de desemprego, que vinha subindo nos primeiros meses do ano, bateu um recorde em abril. Chegou a 18,2% — o maior índice registrado desde 1992. Isso quer dizer que o mercado do Distrito Federal não vem conseguindo absorver o crescimento da População Economicamente Ativa (pessoas com 10 anos ou mais que procuram trabalho).

Gente como o maranhense Luis Carlos Moraes, 25 anos, e a piauiense Valdimira Silva dos Santos, 48. Os dois, depois de passar anos trabalhando com carteira assinada, estão desempregados. Ele procura, procuram, mas não conseguem encontrar um emprego de verdade.

“A concorrência é tão grande que eu desisti de ir ao Sine (Sistema Nacional de Emprego)”, conta Luis Carlos. “Trabalhei durante quatro anos como entregador, com carteira assinada e tudo. Fui demitido e estou me virando com bicos enquanto não arranjo um emprego.”

O “bico” de Luis Carlos é lavar e vigiar carros no estacionamento ao

lado do posto do Sine, no Plano Piloto. Há sete anos, ele deixou o interior do Maranhão e veio para Brasília em busca de uma vida melhor. Chegou a ganhar R\$ 500 por mês. Hoje, fazendo bicos, ganha menos da metade e reclama da escassez de oportunidades.

“Já tentei emprego de motorista em quatro empresas. Tentei trabalhar como caixa em vários supermercados e não consegui nada. Minha mulher, Maria Antônia, conseguiu um emprego numa cooperativa agrícola no Gama. É ela que está garantindo a *feira* lá de casa”, afirma Luis, que tem

seca as pernas de andar e não acha trabalho.”

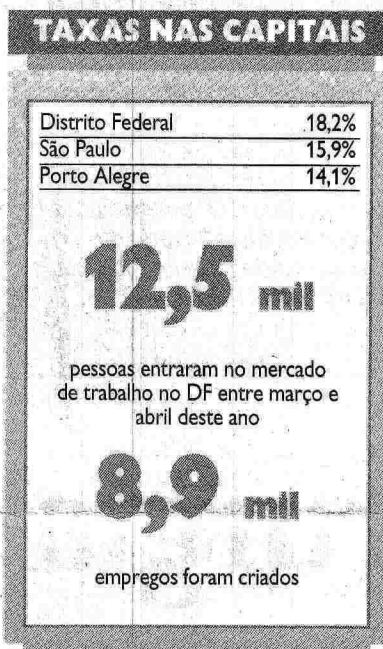
Ela conta que trabalhou dois anos na sede da Central Única dos Trabalhadores (CUT), sem carteira assinada. “Mas eles me pagaram todos os direitos”, garante Valdimira. “Estou desempregada há três meses. Já fui ao Sine, mas não consegui nada. Disseram que eu era velha demais para trabalhar com carteira assinada. Estou separada há dez anos, criei 12 filhos e ainda tenho forças para trabalhar. Ainda bem que meus seis genros estão dando uma ajudinha enquanto eu continuo procurando serviço.”

MAIS PROCURA

Para a supervisora do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos (Dieese), Rosane Maia, a elevada taxa de desemprego é resultado da entrada de mais pessoas no mercado de trabalho. “Mesmo com o aumento na taxa, o fato mais importante é que mais ocupações foram criadas no Distrito Federal, principalmente ligadas ao setor formal”, analisa Rosane.

A Indústria eliminou 3,2 mil ocupações. A Construção Civil ficou relativamente estável, com redução de 600 postos de trabalho. O setor de Serviços foi o que mais empregou em abril (10 mil postos), seguido pelo Comércio (3,5 mil postos). A Administração Pública demitiu 400 pessoas.

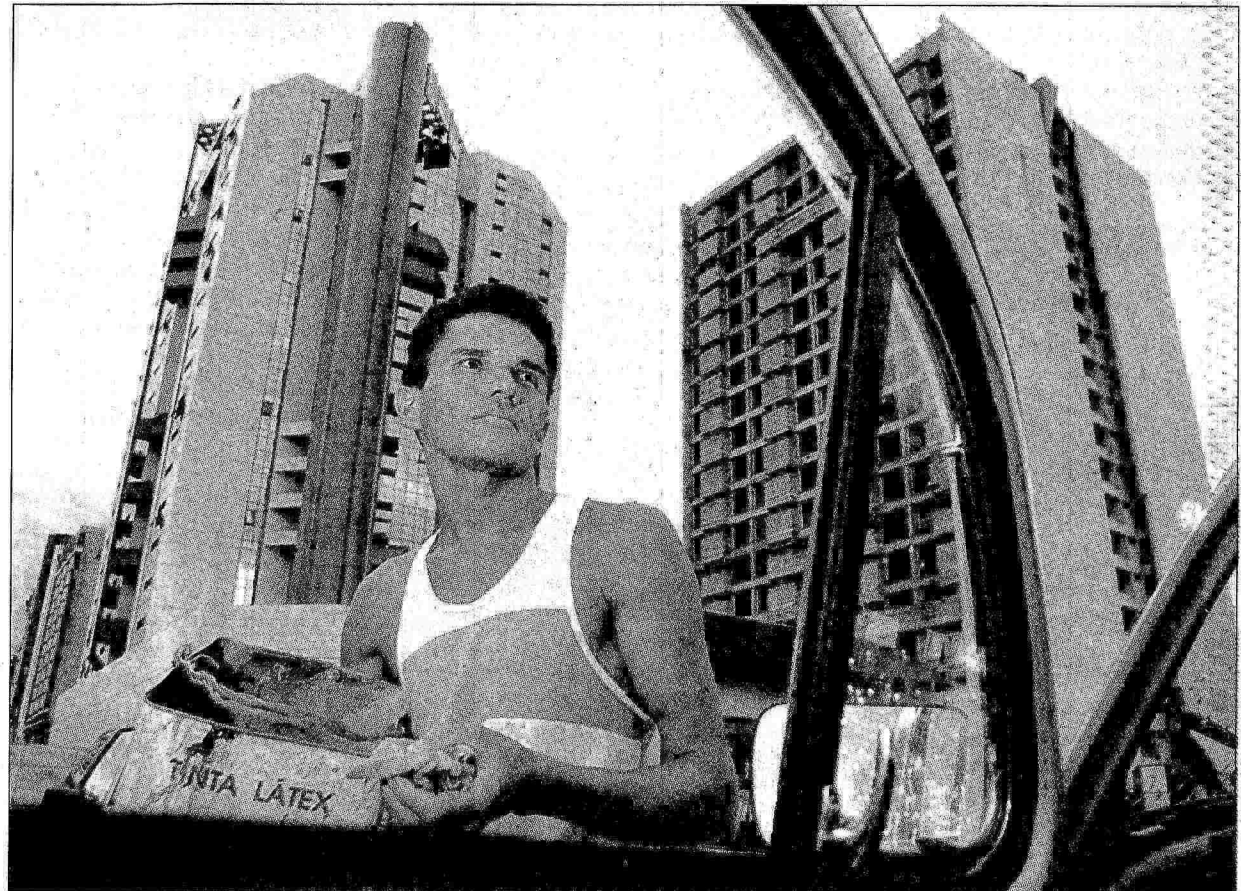
A Pesquisa de Emprego e Desemprego no Distrito Federal é realizada mensalmente em parceria pela Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codelan), Dieese, Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (SEADE/SP) e Secretaria de Trabalho.



duas filhas pequenas, de 3 e 4 anos.

Valdimira dos Santos chegou em Brasília em 1965. Trabalhou 15 anos como servente, com carteira assinada. “Naquela época era muito fácil conseguir emprego por aqui”, diz Valdimira. “Hoje, você

Tina Coêlho



Luis Carlos Moraes vigia e lava carros e está desesperançoso: “A concorrência é tão grande que desisti de ir ao Sine”